

O Fernando Pessoa na faculdade é dissecado, cortejado, sublinhado por padrões e sistemas de leitura. Mas como é o mesmo poeta encarado entre os alunos do secundário, como se debate o fim da adolescência, onde é determinante o princípio da identidade, entre as tenazes do múltiplo? O JL quis saber e oferece dois roteiros ao leitor, num a professora e os alunos acarinham-se e defendem-se, no outro o jornalista foi lá e procurou outra realidade mais (parcialmente) objectiva. Escola Secundária da Cidade Universitária...

... o enigma continua...

António Cabrita

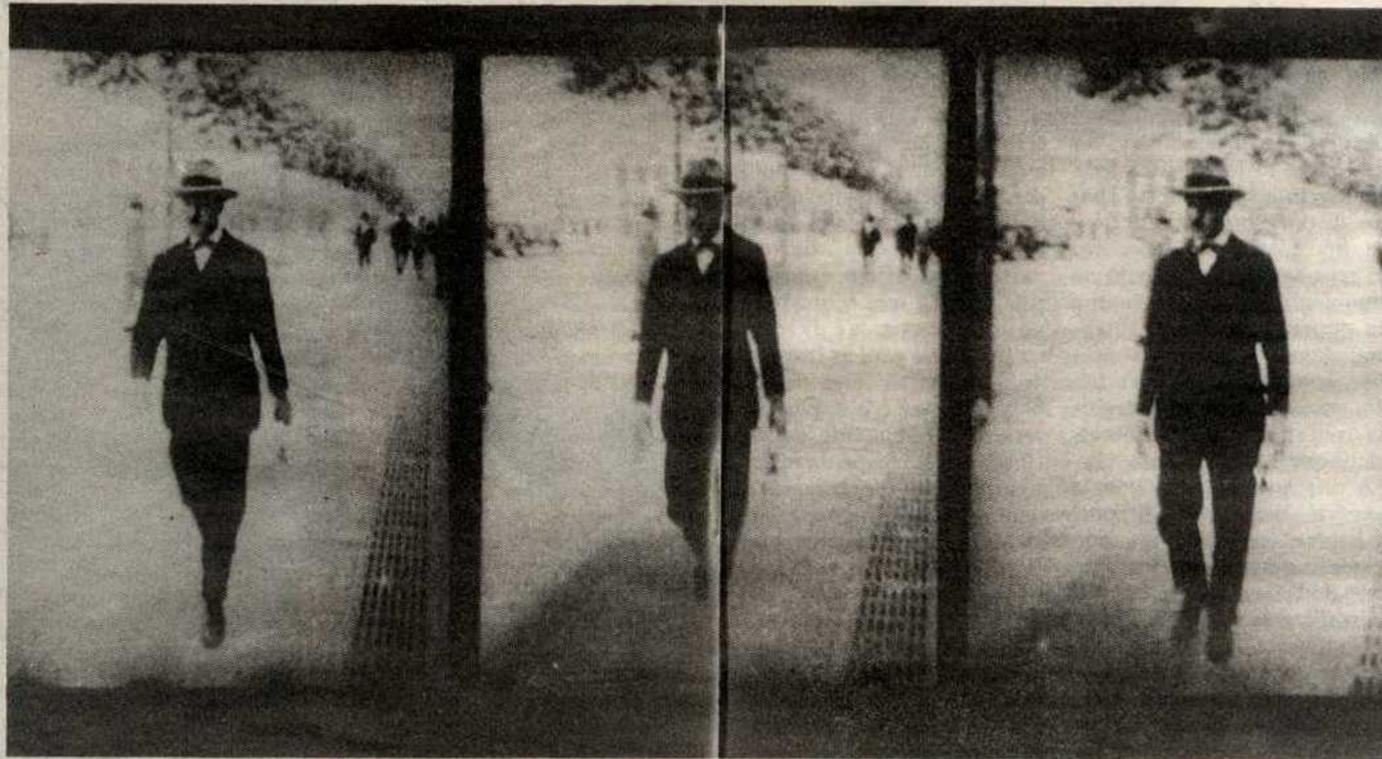
Não tenho a certeza de que tenhamos conseguido comunicar. Que eu, pelo menos, tenha sido um bom **entertainer** e não o intruso que foi perturbar a boa regra de à aula de português se suceder a de latim.

Eram cerca de vinte alunos da opção de Românicas, entre os dezassete e os vinte anos e o pretexto todo ele, de baixo a cima, do rodapé de madeira à esferovite do tecto, do sopro da minha voz aos olhares de curiosidade dos alunos, era discutir Pessoa, o MultiModo. Entrei com a esperança de não sabermos parar, gulosos da problemática pessoana, e saí como a moeda roída pela usura, um pouco descrente e com a resignação de um Ricardo Reis que sopesasse no coração toda a obstinação de uma Lídia surda aos apelos do rio.

Estarei a ser injusto para os alunos; a trair as prestabilidades da dr.^a Mercês Moita e da sua colega (professora de latim), a quem roubei uma preciosa meia-hora de aula? Certamente que sim, saberão sovar-me assim que nos encontrarmos, mas aqueles alunos pareceram-me muito pouco «apoquentados», filhos já da demasia que é sempre o tempo-de-indiferença. E outro factor determinou: não terei tido a astúcia de os levar ao «redil».

Pessoa e James Dean

Atalhemos caminho. Para a Isabel, 19 anos, a poesia é um bocado **xarope**. E adianta, lapidar: «Levei todos estes anos sem a poesia, até aqui nunca tinha lido poesia para além de uns versos de Garrett, e sempre passei... cheguei ao décimo segundo e apanho o Pessoa, dois trimestres inteiros... o resulta-



O poeta no Rossio: talvez se comemore a retirada do luto, e aí... começa o esquecimento

do foi ter chumbado o ano passado.»

Retiremos, por favor, o Pessoa das Escolas. É a única maneira de o salvar, de ser saboreado; da sua descoberta «acidental» repor a dimensão da poesia e o seu rastro de sagração. Proibamos a poesia, que é a única forma de a louvarmos, de a tornarmos desejada, intrigante, magnética; ou então desistamos de vez, encolhendo os ombros à convicção dos jovens de que «Pessoa não passa de uma moda» que depois da onda das comemorações vai entrar em declínio, confirmar-se ao curriculum escolar («Como o Camões») e ser empalhado entre os grandes chatos.

«O Pessoa é como um herói. Lembra-se de Pessoa como do James Dean, as pessoas gostam de reaver os modelos.» Quem o

diz é o Rui, 20 anos, que talvez não saiba que a haver associação ela encontra-se neste paradoxo: tanto J. Dean como F. Pessoa são dois anti-heróis.

Comecei por pô-los à vontade dizendo que o Pessoa não é o poeta de que mais gosto, pelo que ficavam mais livres de manifestar-se, e depois confiei-lhes que se adormeço o meu filho (bebé) com a leitura de um soneto de Petrarca quando ele tiver a idade de ser surfista não lhe darei Pessoa para as mãos porque o considero um «indisciplinador de almas» que certamente me **deseducará** o rapaz. Erro: a alma é uma técnica em desuso, posso imaginá-los a vasculhar num dicionário de género o que significa, de modo lato, esse arcaísmo que enferma os textos do pluri-chato

Pessoa. Falhada a achar tivemos dificuldade em achar o domínio concreto que servisse de referência comum ao diálogo.

E sobre a heteronímia, tão plural maneira de sentir? Paula, 18 anos: «todos nós temos a nossa pancada, ninguém é igual em todas as situações», para rematar, à minha insistência os cortes e os saltos radiais de sensibilidade para sensibilidade experimentados por um mesmo sujeito, indagando os graus de identificação que eles poderiam sentir por essa «dispersão metafísica»: «acho que isso são os problemas deles». A sua colega, Elizabete, 19 anos enveredou por uma explicação mais consensual: «somos todos diferentes mas andamos todos à procura do mesmo: saber quem somos». A mais en-

graçada das afirmações partiu de Joana, 18 anos, que, suspeito, não deve ter medido bem o que deixou escapar: «A mim parece-me que não nos podemos identificar com um só heterónimo. Ou com todos ou com nenhum...» Imagino-a sentada à mesa do café, iludindo a espera do namorado, que ao seu lado lê o «Turbo», com a fabricação de uns poemas com várias vozes dramáticas.

Os professores temerosos

Segundo a dr.^a Mercês Moita, a dificuldade em abordar Pessoa estende-se a muitos dos seus colegas que recorrem ao alibi do tempo e à latitude dos programas para não darem «um poeta que os incomoda e que os levaria a interrogar-se».

Tentei ainda a sexualidade, servi-me do alarde que tem sido feito à volta do dubio comportamento sexual de Pessoa para lhes sondar a receptividade de poesia tão isenta de corpo nos seus corpos em emergência. Segundo erro: não há entre a juventude de dezoito/vinte anos corpos em emergência. O bombeiro foi encontrado há muito tempo e a sexualidade é para eles um dado adquirido tão comum como chover, sem mais gravidade sobre um corpo que a nuvem reflectida num lago. Discutir se o F. Pessoa era homo o heterossexual parece-lhes tão inútil como saber se S. António arregimentava mais fiéis entre os pargos femininos ou entre as carpas masculinas; ou como a contabilidade do que Abelardo produziu filosoficamente antes e depois da mutilação a que foi sujeito pelo sogro: não se lê Abelardo, e pronto. «A sexualidade é só para vender jornais», disse-me um aluno de dezassete anos.

Ai têm absoluta razão, e convençani-se os jornais que fazem cacha com a sexualidade de Pessoa que isso só vende junto aos quarentões de tendências voyeuristas.

No fim, foi-me confirmado que entre uma cassete de vídeo e a descoberta de um poeta a escolha recairia unânime no audiovisual, sem o menor agravo. E a causa estará perdida enquanto, como dizia a prof. Mercês Moita, não se fomenta a leitura, com a criação de bibliotecas devidamente apetrechadas que suscitem os jovens com uma política agressiva e chamativa. Afinal, quando na Biblioteca Nacional não se entra com menos de dezoito anos está-se a comemorar o quê? Talvez se comemore a retirada do luto, e aí, meu caro Fernando Pessoa, começa o esquecimento. ■

antónio tabucchi
pessoana mínima

fermas portuguesas

Pessoana Mínima.
Escritos Sobre
Fernando Pessoa
de António Tabucchi
Esc. 660500

Eduardo Lourenço

FERNANDO
REI DA NOSSA BAVIERA

Fernando,
Rei da Nossa Baviera
de Eduardo Lourenço
(Prémio da Associação Internacional
de Críticos Literários — 1986)
Esc. 1200500

LIVROS

DA
IMPrensa NACIONAL

IMPrensa NACIONAL - CASA DA MOEDA